



7 • Correio Braziliense — Brasília, quarta-feira, 5 de março de 2025

Bolsas Na sexta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na sexta-feira	Salário mínimo Últimos	Euro Comercial, venda na sexta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
1,6% São Paulo	125.979 25/2 26/2 27/2 28/2	R\$ 5,916 (+ 1,5%)	24/fevereiro 5,756 25/fevereiro 5,754 26/fevereiro 5,803 27/fevereiro 5,828	R\$ 6,134	13,15%	13,54%	Setembro/2024 0,44 Outubro/2024 0,53 Novembro/2024 0,39 Dezembro/2024 0,52 Janeiro/2025 0,16

GUERRA COMERCIAL

Em seu primeiro discurso ao Congresso, presidente norte-americano declarou que vai seguir taxando todos os países que tributam os Estados Unidos. "Onde quer que eles nos cobrem, nós também vamos cobrar", disse, sem poupar parceiros

Trump endurece discurso por taxaço

» RAPHAEL PATI

No mesmo dia em que entraram em vigor novas taxas de importação sobre produtos de China, Canadá e México, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou que a partir do próximo dia 2 de abril, o país colocará em ação um novo sistema de tarifas recíprocas. "Tudo aquilo que os países nos tributem, nós os tributaremos de volta. Se eles fizerem tarifas não monetárias para nos manter fora do mercado deles, então nós faremos barreiras não monetárias para mantê-los fora do nosso mercado", disse o republicano em seu primeiro discurso no Congresso americano no segundo mandato à frente da Casa Branca.

Com a afirmação de que "a América está de volta", Trump defendeu que as tarifas tornam os Estados Unidos "ricos novamente". "Não se trata apenas de proteger os empregos norte-americanos. Elas protegem a alma do nosso país", destacou Trump.

Desde ontem, passou a vigorar no país taxas de 25% sobre todos os produtos importados do México e do Canadá (à exceção de energia e combustível canadenses), além de uma nova alíquota de 10% sobre outra no mesmo percentual já aplicada desde o início de fevereiro sobre produtos chineses.

O republicano ainda reforçou que busca defender os interesses dos produtores rurais do país, com tarifas sobre produtos agrícolas estrangeiros e o estímulo para que agricultores de fora comecem a produzir no país, também a partir do próximo dia 2 de abril. Também falou sobre o crescimento da indústria automobilística, com a inauguração de novas fábricas, como uma anunciada pela Honda do estado de Indiana, que terão estímulos para atuar no país. "É uma palavra bonita a 'tarifa'. Acho que nós teremos uma grande explosão, no bom sentido, na indústria automobilística", destacou.

Em seu discurso, Trump ainda defendeu a necessidade de atrair empresas estrangeiras e bilionários para os EUA, o que será impulsionado pela confecção de "gold cards", que seriam uma espécie de "green cards" para os magnatas terem liberdade de se estabelecer no país. Com os investimentos, a ideia, segundo o presidente, é pagar toda a dívida externa do país e equilibrar as contas em um futuro próximo. "São pessoas que muitas vezes saíram de universidades ótimas e elas podem ficar aqui e trazer muito sucesso. Vamos trazer pessoas que criam emprego e pessoas brilhantes. Elas vão trazer dinheiro e vamos pagar nossa dívida com esse dinheiro", destacou.

Protecionismo

Na avaliação de especialistas, o presidente estaria levando ao extremo o discurso de campanha simbolizado pela inscrição "Maga" (Make America Great Again, ou fazer a América grande novamente, na tradução).

"Infelizmente para o Trump, a gente não vive mais uma situação onde a economia americana é totalmente dominante. Então, hoje, há polos de crescimento e de organização de articulações de comércio internacionais que são alternativos aos Estados Unidos", considera Geraldo Biasoto, especialista em Contas Públicas.

Para o analista, Trump joga um jogo de altíssimo risco do ponto de vista da organização de comércio global. Além disso, o presidente estaria jogando uma cartada imensa na organização das grandes corporações do mundo, além das norte-americanas, pelo fato de que algumas delas distribuem sua produção por outros países. "No fundo, o Trump está falando assim: 'Não produza aqui no Brasil e venha produzir aqui nos Estados Unidos'. Mas isso não é tão simples de articular, assim", explica o especialista.

Desta forma, ele acredita que a política de Trump pode "esborrachar" a economia americana mais ainda, além de dar impulso a organizações de mercados regionais e a políticas da própria China, como rota da Seda na Europa e na América Latina. "Isso tudo vai florescer a partir dessa 'maluquice' que o Trump está fazendo. Então, é um jogo de poder e um jogo de altíssimo risco nesse momento da economia americana", complementa Biasoto.

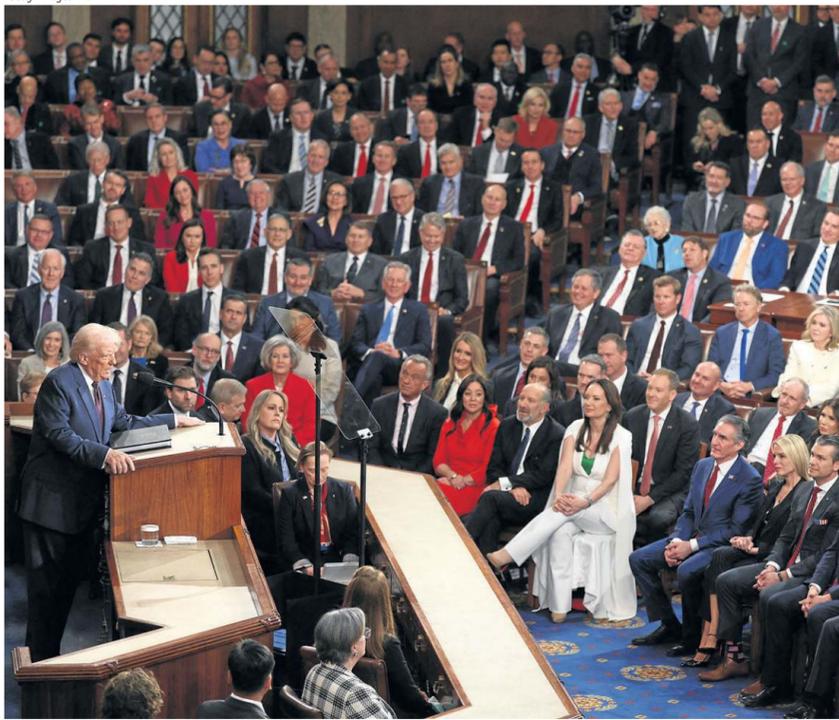
O professor de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB) Ricardo Caldas completa que o tarifaço está dentro de uma política de reordenação da influência mundial dos Estados Unidos, que busca recuperar a posição de país líder e hegemônico, de maneira isolada.

"Vários países opinam sobre o sistema internacional, o que, em linhas gerais, é a proposta da ONU. Então você tem vários países no Conselho de Segurança e todos os países que desejarem e atenderem os critérios podem pertencer à Assembleia Geral. O que o presidente está dizendo é: 'Não, nós somos mais importantes do que qualquer país que esteja no Conselho de Segurança e que qualquer país da Assembleia Geral'", considera Caldas.

A iniciativa, então, seria uma tentativa de levar o mundo para um novo sistema unipolar. "Ou seja, o que o Trump está fazendo, na verdade, não é aumentando as tarifas. Ele está tentando impor uma nova ordem internacional sob a liderança dos Estados Unidos. Essa é a minha visão e a minha explicação sobre esse tarifaço nos três principais parceiros comerciais dos Estados Unidos", acrescenta.

Já para o professor de Economia Internacional pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) Masimo Della Justina, a medida de elevar tarifas contra os principais parceiros comerciais do país pode ser uma espécie de "tiro no próprio pé", visto que no curto ou médio prazo, algumas matérias-primas que forem taxadas pelos EUA podem gerar um efeito de cadeia, encarecendo outros itens produzidos dentro do país e, dessa forma, intensificando a inflação.

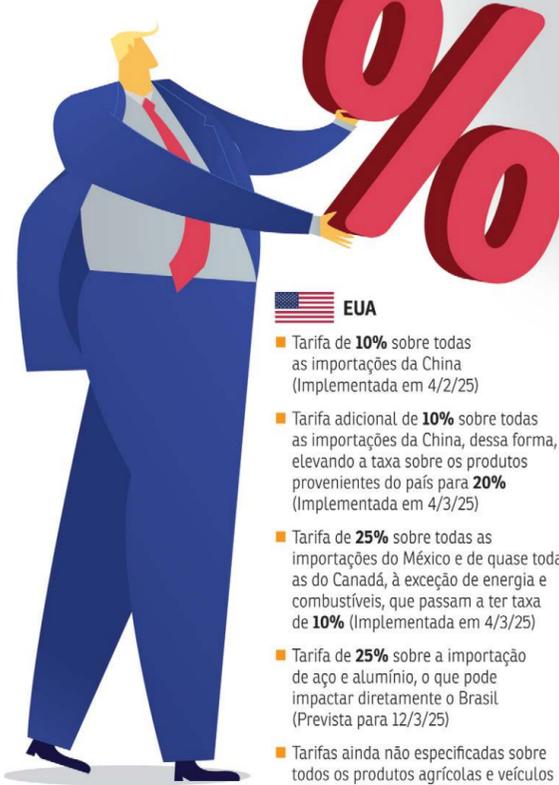
Getty Images via AFP



Trump citou o Brasil entre os países com taxas elevadas contra os EUA e que terão reciprocidade

Guerra comercial

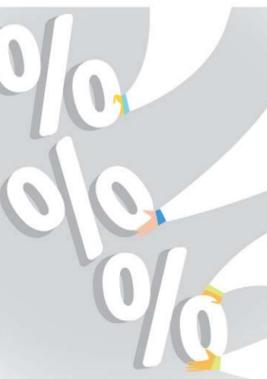
Donald Trump aumenta a lista de taxas por importação em seu terceiro mandato e países começam a responder a 'tarifaço' do presidente norte-americano



Valdo Virgo/CB/D.A Press

EUA

- Tarifa de **10%** sobre todas as importações da China (Implementada em 4/2/25)
- Tarifa adicional de **10%** sobre todas as importações da China, dessa forma, elevando a taxa sobre os produtos provenientes do país para **20%** (Implementada em 4/3/25)
- Tarifa de **25%** sobre todas as importações do México e de quase todas as do Canadá, à exceção de energia e combustíveis, que passam a ter taxa de **10%** (Implementada em 4/3/25)
- Tarifa de **25%** sobre a importação de aço e alumínio, o que pode impactar diretamente o Brasil (Prevista para 12/3/25)
- Tarifas ainda não especificadas sobre todos os produtos agrícolas e veículos estrangeiros (Prevista para 2/4/25)



Outros países

CHINA

- Tarifas de **10% a 15%** sobre as exportações agrícolas dos Estados Unidos, além de restrições de exportação e investimento a 25 empresas do país, por "motivos de segurança nacional" (Prevista para 10/3/25)

CANADÁ

- Tarifa de **25%** sobre US\$ 155 bilhões em produtos dos Estados Unidos (Implementada em 4/3/25)

MÉXICO

- A presidente Claudia Sheinbaum prometeu anunciar medidas de retaliação às tarifas de Trump no próximo domingo (9/3/25)

Países reagem

Os líderes de China, Canadá e México reagiram ao tarifaço de Donald Trump, com a promessa de retaliações contra o movimento protecionista norte-americano. As novas tarifas começaram a valer ontem.

O primeiro-ministro canadense, Justin Trudeau, que deixará o cargo em breve, anunciou que o país estava impondo tarifas imediatas de 25% sobre 30 bilhões de dólares canadenses em importações na nação vizinha, e que, se for necessário, atingiria outros 125 bilhões em três semanas.

Trudeau afirmou que considera as medidas anunciadas por Trump como "uma coisa muito idiota de se fazer" e que não haveria nenhuma justificativa para a imposição das tarifas. O primeiro-ministro reforçou que o país questionaria as medidas do republicano na Organização Mundial do Comércio (OMC) e por meio do USMCA, o acordo entre EUA-Canadá-México.

"Não é do meu hábito concordar com o Wall Street Journal, mas Donald, eles apontam que, embora você seja um cara muito inteligente, isso é uma coisa muito idiota de se fazer", afirmou Trudeau em referência ao jornal norte-americano, que publicou, recentemente, um editorial sustentando que Trump lançaria a "guerra comercial mais idiotada história".

O governo chinês decidiu impor novas taxas de 10% a 15% sobre as exportações agrícolas dos EUA, como também anunciou novas restrições de exportação e investimento a 25 empresas do país, justificando a medida por "motivos de segurança nacional". Segundo o governo de Pequim, produtos como frango, trigo, milho e algodão provenientes dos EUA terão uma taxa adicional de 15%, enquanto soja, sorgo, carne suína, carne bovina, produtos aquáticos, frutas, vegetais e laticínios terão tarifa de 10%. As medidas passam a valer no próximo dia 10 de março.

A expectativa é que as novas taxas impostas pela China afetem cerca de US\$ 21 bilhões em exportações de produtos agrícolas e alimentícios dos EUA. O país já havia anunciado tarifas de 15% para carvão e gás, além de taxas de 10% para petróleo bruto, equipamentos agrícolas e alguns automóveis dos EUA.

O governo do México, por sua vez, ainda não anunciou medidas oficiais em retaliação contra os EUA. A presidente Claudia Sheinbaum prometeu, ontem, que irá responder ao tarifaço promovido por Trump à altura. "Não há razão, fundamento ou justificativa para apoiar esta decisão que afetará nosso povo e nossas nações. Ninguém ganha com esta decisão", disse Sheinbaum em entrevista a jornalistas. Ela disse ainda que daria detalhes sobre a resposta do México às tarifas no próximo domingo. (RP)

especialista avalia que "toda a tarifa de importação ou todo imposto de importação, tudo que acaba perturbando o fluxo de entrada e de saída de produtos, é uma medida protecionista", pontua.

Sobre a posição a ser adotada pelos países mais atingidos pelo Tarifaço, Masimo Della Justina avalia que, apesar da facilidade de logística e

geografia, no caso de Canadá e México, é necessário ter em mente que ambos os países têm outras opções de parceria comercial. "Eu classificaria a medida como não muito inteligente, porque dentro da própria experiência econômica, ela pode não atingir os objetivos que se quer, que é favorecer a produção interna, manter os preços baixos", considera.